

# ENSAIO GERAL

Comédia em dois actos

Por

**JOÃO SOARES SANTOS**

## **DRAMATIS PERSONAE:**

**TESÓFILO** — Director de uma companhia teatral arruinada.

**LEUCÓCIMO** — Um amigo.

**FAUSTINA** — Esposa de Tesófilo.

**CARCOPINA** — Filha de Tesófilo e de Faustina.

**ROSÁLIA** — Irmã de Carcopina.

**TARDÉNIO** — Genro de Tesófilo, marido de Rosália.

**BORSELMO** — Genro de Tesófilo, marido de Carcopina.

**CRISALDO** — Pai de Tesófilo.

## **Acto I**

### **Cena I**

*Tesófilo e Leucócimo conversam, enquanto caminham.*

#### **TESÓFILO**

É como te digo, meu caro Leucócimo, quanto mais ele se exaltava, mais energias mobilizava, mais os seus processos vitais aceleravam, mais os seus tecidos precisavam de ser ventilados e mais lucidamente eu tinha a noção de que uma abrupta paragem na entrada do ar no seu corpo voltaria a trazer-me tranquilidade. Apercebi-me como a cobertura da glote, essa pequena fenda por onde o ar passa para a traqueia, esse delicado orifício que se alarga quando inspiramos para ganhar fôlego para falar, pode ter uma importância tão preciosa no alívio de alguém que já não suporta ouvir mais as palavras do seu interlocutor. Imaginava, enquanto via por baixo da camisa o seu peito a expandir-se e as paredes do abdômen a distenderem-se pela pressão do diafragma, uma súbita exaustão do vigor agressivo que dirigia contra mim e imaginava os seus músculos internos a impedirem o ar de entrar nos pulmões e os seus esgares de enfurecimento a transformarem-se em espasmos de asfixia.

#### **LEUCÓCIMO**

E chegaram a algum acordo?

#### **TESÓFILO**

Não. Esta noite será o primeiro e o último espectáculo. Amanhã seremos despejados. O indesejável senhorio, após esta noite de estreia, põe-nos na rua. (*Com desdém.*) É uma criatura desprovida de qualquer sensibilidade dramática. Ao invés de prolongar e explorar os detalhes da situação embaraçante, pretende resolvê-la imediatamente. Se não sairmos a bem, as autoridades expulsar-nos-ão.

## LEUCÓCIMO

Mas há mais de um ano que não pagam a renda.

## TESÓFILO

Meu amigo, é útil compreender que os lastimáveis recursos financeiros da companhia teatral que orgulhosamente dirijo, recentemente agravados com a maternidade da minha filha mais nova, não devem ser tomados como ameaça para o digno desempenho da nossa profissão. Esse assunto deve ser omitido quando está em causa uma nova peça e a força de uma dedicação colectiva em prol do aperfeiçoamento da inteligência pelo riso. Servir a comédia é o nosso incondicional propósito. Nenhum obstáculo mesquinho deveria constranger o direito aos movimentos convulsivos da expressão da alegria.

## LEUCÓCIMO

Não duvido do que me dizes, mas as circunstâncias não prognosticam um aliciente futuro.

## TESÓFILO

Se Pútrido, o abominável senhorio, tivesse o mínimo de acuidade estética, deveria ter sabido demorar o estado das coisas, valorizando, por exemplo, o exercício da sua crueldade, mas restando um desenlace rápido. (*Com doçura.*) O infortúnio da minha família na penúria por se ter honradamente consagrado a uma actividade adversa, merecia um abuso mais requintado da sua condição de proprietário e credor. (*Com elevação.*) As insistências para lhe pagarmos ou para desocuparmos o edifício mereciam um retesar das emoções até ao limite. Não querendo ele sacrificar-se completamente pelo interesse da arte teatral, pelo menos, entre nós, deveria ter havido mais tempo para trocar súplicas, implorações ou até insultos e acusações. Mais tempo para eu poder com entusiástica humildade apelar para a sua simpatia, para eu poder patentear com feroz comoção o desamparo dos meus entes queridos, para ele me impressionar com a sua desapiedada determinação. Eu até, num rasgo de inspiração, podia enlouquecer e, na minha

insanidade, múltiplas possibilidades cômicas e trágicas poderiam surgir de improviso. Seria um conflito maravilhoso. Se ele se mostrasse conivente, podíamos até descobrir que éramos irmãos há muito separados por uma guerra. Mas não. Ficámos pelo comezinho. O senhorio é um burguês exageradamente egoísta e rude. Quer abreviar todas as potencialidades da situação na vontade nada sublime de alugar o teatro a outra companhia. As coisas não correm bem. Fico contente por vires assistir ao ensaio geral.

## **Cena II**

*Entram para uma sala de espectáculos de ambiência sórdida. Nela, a esposa de Tesófilo, Faustina cose meias. A filha mais velha, Carcopina, enfeita-se diante de um espelho. A filha mais nova, Rosaura, amamenta o bebé. Os dois genros, Tardénio e Borselmo, jogam às cartas e bebem. O avô, Crisaldo, vagueia falando e gesticulando.*

### **TESÓFILO**

Minhas adoradas descendentes, minha refulgente esposa, excelso ancião meu pai, respeitáveis genros, honrados membros desta eminente companhia teatral, cuja magnânima herança antiga perpetuámos com devoção, método e soberba: saúdo-vos e intercepto os vossos compenetrados afazeres. Consolai-me com os vossos mais finos dons e cuidados num derradeiro ensaio antes da auspiciosa noite que se avizinha. Que as chispas quiméricas do vosso artifício façam pasmar e regalar o meu prezado amigo Leucócimo. Oferecei-me a mim e a ele o que tendes de melhor.

*Ninguém lhe liga.*

### **FAUSTINA (irritada)**

Ainda não vendemos um único bilhete.

### **TESÓFILO**

Uma inflamação aguda nem sempre resulta num abcesso. Recompensai-nos com a demonstração inebriante dos vossos talentos. Muito em breve, estas paredes ressoarão com o arrebatamento do público. Nada mais experimento agora senão uma intensa quietude, o eclodir aliviante do total desprendimento, o conforto de uma receptiva indiferença, inane de qualquer tensão. Extingam-se as preocupações sobre o que irá suceder mais logo. Só a arte nos deverá abalar. Começemos, com o esplendor da absoluta entrega.

*Ninguém parece levá-lo a sério. Borselmo mata uma mosca com a palma da mão. Carcopina solta um suspiro de deslumbramento. Rosaura acende um cigarro e cospe, enquanto continua a aleitar a criança.*

### **TESÓFILO**

Chegou o momento, meu caro Leucócimo, em que devo exacerbar o meu poder persuasivo contra a resistência da desmotivação. Observa: a minha arma será a persistência. Incitá-los-ei ao usufruto pleno dos defeitos como sementes da virtude. Das suas imperfeições desabrochará a transcendência. Ah, este é um dos meus momentos predilectos!

### **TARDÉNIO** *(levantando-se)*

Mais devagar! Poupa-nos a derrames de eloquência. Preferimos repetir isto tudo de novo a ter de suportar a tortura da tua rebuscada imaginação verbal.

### **TESÓFILO**

Muito bem. Tomem as vossas posições. Tardénio faz em primeiro lugar o papel de Crisalino, criado da família Strozzi e Borselmo o papel de Lorenzino Banduccia, um fidalgo apaixonado. A acção acontece numa rua estreita de aldeia que será aquele tapete comprido (*Borselmo estende o tapete*). Carcopina e Rosaura desempenharão expressivamente a função de árvores, cujas frondosas ramagens criam uma atmosfera bucólica (*elas ocupam as posições*). A minha formosa esposa, será o sol radioso da madrugada (*ela põe-se*

*um cima de uma cadeira na pose correspondente*). Eu serei a paisagem abrangente. O meu adorado progenitor, será a variedade melódica e rítmica das aves campestres (*ele imita o som de pássaros*). O meu terno neto, ainda um principiante, será uma pedra coberta de musgo junto das raízes da árvore, sua mãe (*Rosaura deposita-o no chão, ao seu lado*).

**TARDÉNIO** (*no papel de Crisalino*)

Eis-me perante um dilema. Pondero eu neste percurso qual a melhor direcção a seguir. O imprevisível destino concede-me duas alternativas perante as quais a uma devo apressadamente dar preferência. Um pouco mais adiante, sem dar conta da minha presença, divaga alguém com tão grande parecença com Lorenzino Banduccia que seria capaz de jurar a pés juntos ser ele próprio. Se a semelhança for real, devo quedar-me atrás deste providencial vegetal lenhoso e evitar que me veja. Não nutrindo por ele qualquer réstia de simpatia, não entendo qual será o benefício de o abordar e despender o meu precioso tempo de ócio com as penugens da cortesia. Se não lhe gabo a benção de qualquer atributo respeitável, não percebo porque lhe deverei dirigir os meus cumprimentos. Aplico-me pois a fingir de toupeira. Faço-lhe vista grossa. Ignoro um peralta presumido e ultrapasso um aborrecimento. Azar! Virou-se e fitou-me. Acena-me? Que desgraça! O infortúnio persegue-me. Neste momento a fuga ou a simulação de um estado de distracção já não pode ser convincente. Aproximemo-nos e troquemos de pele de acordo com a vicissitude. Meu ilustre senhor! A extensão abrangida pelo meu olhar é valorizada com a vossa presença. Se só raras vezes a Natureza nos concede o privilégio de contemplar a sua excepcionalidade hoje, eu, ao divisar-vos, considero-me um eleito.

**BORSELMO** (*no papel de Lorenzino Banduccia*)

Só me resta o abismo.

**TARDÉNIO**

O quê?

**BORSELMO**

Cambaleio taciturno. Sofro por mim.

**TARDÉNIO**

Que punição é essa que vos vence?

**BORSELMO**

Deixa-me, não interpeles o meu pranto. Embora intuindo a tua piedade, rogo para nada indagares a esta desditosa criatura. Não esperes respostas de quem não tem mais liames com a existência. Sinto-me vão e suspiro compungido.

**TARDÉNIO**

Insisto, apelando ao vosso consentimento: elucidai-me sobre essa monstruosa provação de dor que vos submete.

**BORSELMO**

Não, pois vou desfalecer (*deixa-se cair*).

**TARDÉNIO** (*segurando-o*)

Então, então, meu senhor, tanta fragilidade inquieta-me. Viçosa é a flor do vosso tormento. (*À parte.*) A minha exaltação só se pode comparar à da abelha perante a corola sem néctar de um girassol murcho. Desprezo o meu falso compadecimento. (*Para Borselmo*) Tão perspicaz é o vosso sofrer que até eu tenho vontade de perder as forças (*finge desmaiar*).

**BORSELMO** (*recuperando*)

Recobro arduamente a consciência. Onde estou?

**TARDÉNIO**

Entorpecido e nos braços deste vosso servo.



**BORSELMO**

Já é noite?

**TARDÉNIO**

Não, senhor, são os vossos olhos turvados pela angústia. Rodai as pálpebras para cima.

**BORSELMO**

O apogeu germinou a minha queda. Amo e por isso sucumbo. O meu coração está retalhado!

**TARDÉNIO**

Porque vos debateis em tamanha desventura? O que está a acontecer dentro de vós?

**BORSELMO**

A dama que estimo mais que a minha vida, converteu-me no mais melancólico dos mortais. Votado ao abandono, devaneio ao acaso. Ando errante e sem rumo.

**TARDÉNIO**

O assunto parece melindroso. Apoquentá-vos então o amor?

**BORSELMO**

O amor e os seus encantos são um prodigioso malefício.

**TARDÉNIO**

E quem é a dama felizarda merecedora do vosso suplício? Já bocejais da vossa desvelada Rosaura?

**BORSELMO**

Sufoco pela flagelação do meu afecto por outra mulher. O amor é inconstante como as vagas oceânicas assoladas por

uma tempestade. Um ímpeto ainda mais dilacerante demoveu-me da fervorosa dedicação a Rosaura. Os predicados desta senhora acabrunham-me superlativamente.

**TARDÉNIO** (*fingindo-se arrepiado*)

Uma desmesurada força compele-vos, meu senhor. Temo pela vossa salubridade mental.

**BORSELMO**

Ah, meu bom Crisalino, permite que te confidencie a minha mágoa.

**TARDÉNIO**

Podeis ter a garantia da integridade do meu sigilo. Escuto-vos com a probidade de um defunto.

**BORSELMO**

Tenho-te como alguém escrupuloso e de confiança.

**TARDÉNIO**

Não mais do que deveria ser e não menos do que podem esperar de mim. A minha humildade não me impele a julgamentos precipitados.

**BORSELMO**

A cautela da tua resposta denuncia um homem moderado.

**TARDÉNIO**

Estou pasmado com tão luzida inferência.

**BORSELMO**

Diz-me com a mesma transparência de uma mãe que protege o corpo roliço e vulnerável da criança saída do seu ventre: porventura censurarias alguém que, invocando uma

nobre causa te impetrasse a discretamente contornar a lealdade para com o teu amo?

**TARDÉNIO**

Depende dos benefícios provenientes de tão estouvada atitude. O laço de fidelidade tem um preço generoso.

**BORSELMO**

Em troca dos benefícios de uma compensação em oiro, serias capaz de, inadvertidamente, favorecer um amigo e guardar um segredo?

**TARDÉNIO**

Mesmo que isso significasse uma afronta à dignidade do meu querido amo?

**BORSELMO**

Ponderarias um desvio fortuito dos teus vínculos de servidão se te inspirasse a sugestiva imagem dos teus bolsos repletos de moedas?

**TARDÉNIO**

Bem, resignar-me-ia se o apelo a essa pequena desonestidade procedesse de alguém cuja bolsa tivesse a quantia certa de antídoto para aliviar o efeito desolador de tal procedimento.

**BORSELMO**

Que dizes a ter doravante dois amos?

**TARDÉNIO**

Uma segunda pessoa a quem me subordinar?

**BORSELMO**

Sim e não. Vejamos as coisas com simplicidade: tu pareces-me ambicioso e arguto. Ouvi dizer que galanteias uma moça caprichosa da aldeia vizinha, muito propensa a ser aliciada por presentes dispendiosos.

**TARDÉNIO**

Ela é muito inocente, senhor.

**BORSELMO**

Deduzo então que a nossa cumplicidade poderá satisfazer interesses comuns...

**TARDÉNIO**

O meu senhor anda bem informado a respeito do pobre Crisalino.

**BORSELMO**

O mútuo entendimento só poderá beneficiar-nos.

**TARDÉNIO** (*à parte*)

A minha Crespina é bem jeitosinha, eu sou um oportunista sem escrúpulos e o dinheiro deste néscio o bálsamo com que untarei a minha desordenada avidez carnal. Consinto, por mera cupidez, em deixar-me subornar. Em nome da concupiscência e do mais vulgar desejo de provento material, cedo. Os meus sentimentos são repulsivos, mas não aspiro a dar uma lição de exemplo moral. (*Para Borselmo.*) Não obstante as reservas íntimas já aludidas, não interpreto qualquer acordo convosco como um demérito. Mostro-me receptivo à vossa iniciativa. Pronunciai-vos pois sobre ela.

**BORSELMO**

A minha proposta exige a tua máxima discrição e não aceita o arrependimento.

**TARDÉNIO**

Expectante estou. Comprometo a minha palavra.

**BORSELMO**

Pois bem, ordenam as circunstâncias que o teu amo seja iludido. A tua intervenção evitará que se proporcione qualquer dano na sua reputação. Esclareço-te com concisão: aquela por quem o meu peito arfa chama-se Cesira Strozzi.

**TARDÉNIO**

Esta agora! (*À parte.*) No horizonte da minha condescendência raia uma espinhosa tarefa. Um homem recto levaria as mãos à cabeça com um trejeito de aversão na face, soltando uma exclamação aguda. Mas um homem corruptível como eu fica deleitado. Não há dúvida que a ocasião é profícua ao lucro. Quão empolgante será assistir ao desfecho desta intriga. Entro desavergonhadamente no jogo. (*Para Borselmo.*) Senhor, seria cauteloso recatar essa inclinação. Estais ciente de que aquela por quem experimentais essa desmedida afeição é esposa de Marcelo Strozzi, vosso primo?

**BORSELMO**

Aflige-me assumir essa constatação. A intempestiva vicissitude não é louvável, mas amo-a. Regenero-me e tonifico-me cismando sobre a hipótese dela me conceder os seus beijos e blandícias. A separação do seu regaço exaspera-me.

**TARDÉNIO**

E ela, ao menos, corresponde-vos?

**BORSELMO**

É inaceitável conciliar-me com a ideia dela não ser complacente com o testemunho do meu amor. Este violento abalo da vontade está afogueado pela impaciência. O apreço que tenho pela honradez do meu prezado Marcelo e da formosa Cesira devem permanecer incólumes. Por isso, a melhor tática para lidar com esta questão só pode decorrer

envolvendo astúcia, sensatez e recato nas condutas. Ah, como é dilacerante crivar com o estilete da deslealdade o busto do meu apreciado primo. Alterado pela ideia, sou acometido pelo vágado e desloco-me com um passo incerto.

**TARDÉNIO**

Delirais, senhor. Permitti que vos guie. A vossa exasperação atordoa-me.

**BORSELMO**

Será um obséquio a tua diligência intercessora, Crisalino. Conto contigo.

**TARDÉNIO**

Antes desvaneci do meu modesto espírito esta dúvida: se são reconhecidos os attributos de carácter da minha senhora, porque estais vós convencido que a finura da sua virtuosidade será tocada pelo vosso intento de a seduzir? É certo que, se eu fosse do género feminino, tremeria de fervor ante o vosso garbo. Como sou débil e volúvel à galhardia, imagino que não conseguiria reprimir o meu ímpeto por vós e, sem remorsos, lançar-me-ia ensandecido nos vossos braços. Mas a firmeza moral da minha senhora sustê-la-á certamente. Sereis provavelmente ignorado.

**BORSELMO**

Achas que ela me refutará com o mesmo desprendimento com que me arrebatou? Crês que ela coroará a minha desdita com indiferença?

**TARDÉNIO**

Tendes esperanças contrárias?

**BORSELMO**

É aqui que clamo pelos teus préstimos, Crisalino. A recompensa será benevolente.

## **TARDÉNIO**

(*À parte.*) Condimentemos a perspectiva de luxuriosos momentos na companhia da minha Crespina com a dose certa de hipocrisia. (*Para Borselmo.*) Não corre a notícia, meu senhor, de que havíeis prometido esponsais à senhora Rosaura?

## **BORSELMO** (*atrapalhado*)

Desse acto de fraqueza me inibo e arrependo. Para melhor transpor o recato da donzela, asseverei-lhe o meu empenho num futuro comum. Não a quero ferir e não sei como renunciar a este ónus.

## **TARDÉNIO**

Encontrai-lhe um pretendente capaz de uma arrepanhante lábia emotiva pelo destro emprego das palavras. Desencantai um admirador que lhe enderece enlevantes cartas, hábeis em dissipar da sua memória o registo que guarda de vós.

## **BORSELMO**

Sim, este incómodo compromisso precisa de ser reparado e a tua ideia parece uma boa solução. Sem incautamente desvelares a identidade, tu, através de uma prosa inebriante, manifestarás o teu secreto enamoramento por ela.

## **TARDÉNIO**

Eu? Brincais, meu senhor!

## **BORSELMO**

Não. Julgo-te suficientemente tolo para redigir uma patética carta de amor. Garanto-te que as exigências poéticas da destinatária não ultrapassam o trivial. Garanto-te que qualquer mais exímia elaboração literária a deixará confundida. Existem metáforas seguras, cuja persuasão já foi

amiúde testada, com o dom de surtir o efeito desejado naquela cabecinha.

**TARDÉNIO**

(*À parte.*) Pérfida criatura! Uma equiparação com ele torna-me manso. (*Para Borselmo.*) Pedis-me então para eu bordar com a minha pena adocicados vocábulos para encobrir a vossa irreprovável patifaria?

**BORSELMO**

Esmera o teu talento porque o meu ficou tolhido pelo amor. Ajuda-me a enunciar por escrito uma mensagem absorvente, expondo com estro a paixão aniquilante de um desconhecido, a qual, anonimamente, será por ti entregue a Rosaura e a Cesira.

**TARDÉNIO**

Às duas? Compreendo. O máximo de eficiência com o mínimo de meios. Enquanto conquistais Cesira, com o mesmo instrumento desembaraçais-vos de Rosaura.

**BORSELMO**

Asseguro-te que o meu intento não é maldoso. Eu sou puro, Crisalino.

**TARDÉNIO**

Não há, meu senhor, réstias de incredulidade no meu espírito acerca dos vossos sinceros desígnios (*simula, à parte, uma náusea*). O relumbrar do vosso génio para as letras seguramente ofusca as minhas diminutas aptidões. Mas, qual pústula infectada, muito sensibilizado pela vossa lamentável condição, suponho, com a vossa licença, conseguir manuscrever umas folhas veementes e pouco subtis. Farei minhas as vossas faculdades. Comporei requebros friamente calculados com um zelo consonante com o vosso excelso gosto.

**BORSELMO**



Discorre pois com um estilo que julgues idêntico ao meu.

**TESÓFILO** (*interrompendo*)

Parai por uns instantes. Preciso de desabafar a minha surpresa. Estou assombrado por atestar como os meus genros, irrelevantes fracções da absoluta actividade cósmica, me podem deslumbrar com tão penetrante energia. Pareceis, meus filhos, ter irrigado com a substância da irrisão os minúsculos átomos da matéria viva que somos. Estou desconcertado com tanta autenticidade no simulacro, pelo modo como fingis com tanta similitude a inépcia das figuras cómicas que encarnais. Estou perplexo com o enigma e a complexidade da natureza humana. A vossa representação é uma sucessão de paroxismos. O meu veredicto é de êxtase. Irrepreensível!

**CARCOPINA**

E eu estou cansada de simular que sou árvore. Interiorizei tanto o meu desempenho que fiquei com os músculos das ramagens doridos. Vou retocar a maquilhagem.

**ROSAURA**

A manifestação da minha incandescência pára temporariamente, ocultada por uma nuvem (*desce da cadeira e senta-se*). A massa solar descansa.

**TESÓFILO**

A exigência da arte articulou-se maravilhosamente com a habilidade individual. Os movimentos do aparelho vocal conciliaram-se harmoniosamente com o elemento mímico. (*Para Leucócimo.*) Achas o meu julgamento exagerado?

**LEUCÓCIMO**

Delirantemente sóbrio, perante tão poderosa evidência.

## **TESÓFILO**

Sou compelido a isso. Não tenho alternativa como autor e director de cena. Perante o sobressalto que me percorre ao assistir a esta donairosa demonstração só posso concluir que o homem suporta melhor o prazer físico do que o intelectual. Tenho os cabelos ouriçados pela benevolência. Platão disse que a verdade nada mais era do que sombras de imagens. Discordo com ele. Não viveu o suficiente para ser espectador desta peça.

## **CRISALDO**

Homenageio a tua intervenção, meu filho, recitando um momento inigualável por mim outrora protagonizado em palco: «nas trevas nocturnais perecerás, quando as vísceras dum javali caírem do céu sobre as muralhas do teu castelo. A maldição paira sobre a tua linhagem. O teu trono será usurpado. Soçobrarás pelo sangue, traído e trespassado pela espada decidida do teu poderoso herdeiro...»

## **TESÓFILO**

Sossegai, meu pai. Hoje apenas representamos comédia. Em muito aprego teria o regresso ao vosso posto.

## **CRISALDO** (*obedecendo*)

«Pássaros negros que debicam pedras, não podem ser um vaticínio de bom agoiro. Porém, ajoelho diante de vós, meu senhor, invocando os Deuses para guiarem a minha vontade no desígnio da justiça...»

## **TESÓFILO**

Por obséquio, retomemos então o entrecho em curso.

## **TARDÉNIO**

Está bem. (*Volta a representar o seu papel na peça.*) A partir de agora serei o pedúnculo que suporta o desabrochar da flor fragrante. A minha escrita será compenetradamente a

vossa. (*À parte.*) Duvido que a partir de agora os rouxinóis continuem a chilrear.

**BORSELMO** (*à parte*)

A ajuda deste laçao convém-me. Parece obedecer-me com preceito. Devo, todavia, ser cauteloso e não lhe dar asas para voar muito alto. Não é por uma barata rugir que deixamos de a poder esborrachar com o sapato. Preciso de esvaziar a bexiga.

**TESÓFILO**

Muito bem, passemos à cena seguinte, nos aposentos de Cesira Strozzi que acabou de receber a visita matinal da sua amiga Rosaura. Neste confortável ambiente doméstico, Borselmo será doravante uma janela aberta por onde irradia a claridade da minha esposa. O meu progenitor será um soberbo exemplo de mobiliário: uma mesa rectangular em pinho com esbeltas pernas encurvadas e com entalhes ornamentais de folhagem. Sobre a sua superfície encontra-se uma porcelana oval chinesa, decorada com crisântemos. Ao seu lado um livro de orações. Eu serei um quadro a óleo na parede, no qual se realça um soberbo motivo de caça.

**LEUCÓCIMO**

E o que se pode observar nessa composição?

**TESÓFILO**

Qual? A da pintura?

**LEUCÓCIMO**

Sim.

**TESÓFILO**

Um cervo espavorido a ser perseguido por uma matilha.

**FAUSTINA**

Coitado do animal! Escolhe outro desenho, desse não gosto.

**TESÓFILO**

Que tal então uma natureza morta?

**FAUSTINA**

Com flores?

**TESÓFILO**

Muitas. Também alguns frutos num cesto, um alaúde, um crânio, uma partitura e uma ampulheta.

**FAUSTINA**

Acrescenta-lhe um espelho côncavo.

**TESÓFILO**

Está bem. Já podemos recomeçar?

**FAUSTINA E LEUCÓCIMO**

Sim.

**CARCOPINA** (*no papel de Cesira Strozzi*)

Muito me apraz a tua visita, Rosaura. Noto, contudo, alguma circunspecção no teu rosto.

**ROSÁLIA** (*no papel de Rosaura*)

Não posso ocultar que ando apreensiva.

**CARCOPINA**

Levanta um pouco da couraça que esconde os teus pensamentos.

**ROSÁLIA**

Descrever a decepção que me absorve poderá maçar-te.

**CARCOPINA**

Alivia em mim a causa da tua perturbação.

**ROSÁLIA** (*com embaraço*)

Já não agrado a Lorenzino. Quando subordinado pelo jugo do enamoramento, a sua conduta era transparente. Agora ele já não me atribui a legibilidade da sua dedicação. O diáfano enublou-se. A minha presença já não o abeira da inconsciência. A sua sofreguidão definhou. Evita-me.

**CARCOPINA**

O amor é um mistério. Mas, das suas desconcertantes manifestações, muito podemos aprender, mesmo que elas não nos sejam favoráveis.

**ROSÁLIA**

Creio, pelas aparências, que Lorenzino afrouxa as suas medidas. Abrevia a sua dedicação. Amolece os seus desvelos por mim. Estas espontâneas lágrimas que não consigo repelir, afiançam o meu descontentamento por esta constatação (*soluça*).

**CARCOPINA** (*à parte*)

Nenhuma particularidade nessa criatura de que sou parente me desperta qualquer afinidade. Escuso-me à sua simpatia, como quem se furta a um enxame de vespas furibundas.

**TARDÉNIO** (*surgindo à janela, disfarçado*)

(*À parte.*) As palavras pariram grotescas borboletas que nunca foram lagartas. As minhas pernas foram flechas e os meus poros são a fonte donde brotam os sintomas da minha fadiga. Uma refeiçãozinha vinha mesmo a calhar. Felizmente

o meu amo ausentou-se cedo e a minha senhora encontra-se a sós. Devo agir com determinação e sem delongas. (*Falando para dentro de casa, alterando a voz.*) Perdoai esta intromissão. Senhora Carcopina, dignai-vos a atender este insípido arauto.

**CARCOPINA** (*dirigindo-se à janela*)

Quem me chama?

**TARDÉNIO**

Alguém incógnito que vos cumprimenta e, sem mais explicações, vos entrega esta carta e foge (*atira a carta e sai*).

**CARCOPINA** (*apanha a carta*)

Esta agora! Que vem a ser isto? (*Lê.*) Céus! Ao desfruir esta prosa só posso depreender haver nela um intento jocoso ou vituperante. Quem me dirigiu esta missiva de amor possui a galhardia de uma rã morta.

**ROSÁLIA**

Porque te alvoroças, minha amiga?

**CARCOPINA**

Como pode alguém ter a petulância de redigir um texto destes? Recebi, cara Rosaura, uma declaração amorosa na forma de insulto literário, apenas possível de pertencer a um alarve. O disparate misturou-se com a asneira. Estou transtornada com tanta brutidade. Tremo de cólera por este deplorável incidente.

**ROSÁLIA**

Diz-me o que de intolerável te melindra.

**CARCOPINA**

Quem, desta maneira infame, se queixa da sua predilecção pela minha pessoa, só pode ter como propósito exaurir-me pelo riso. Quem consegue com tanta inépcia degradar o que de mais poético e de sério existe no envolvimento amoroso, só pode almejar proporcionar estrepitosas gargalhadas. Alguém tenta seduzir-me instigando o meu escarnecimento ou tenta asfixiar-me pela opressão de eu me imaginar néscia ao ponto de, com a leitura deste portento de parvoíce, poder render ao seu autor qualquer laivo de admiração. Estou siderada com o desatino desta ousadia.

### **ROSÁLIA**

Quem confessa assim a sua inclinação por ti?

### **CARCOPINA**

Só podemos imputar este desastre palavroso a um fogo chimpanzé anónimo que, julgando haver loquacidade nos seus guinchos, pretende com eles despontar afectos pela sua anatomia desprovida de intelecto. Como poderia ser eu tentada por um discurso tão repulsivo? Sinto-me castigada pelo atrevimento! Que uma imprevista víbora morda com urgência quem o fez e que o efeito do veneno seja rápido.

### **ROSÁLIA**

Revela-me o conteúdo dessa mensagem.

### **CARCOPINA**

Ouve esta tolice: «Senhora, embevecido sussurro que sou um escravo de vos querer. Aceitai a súplica de clemência deste dissimulado enfermo que transporta a penitência de vos adorar. Cativa de vós, enclausurada pelo dissabor dos seus genuínos sentimentos, esta alma desgostosa roga por indulgência. Desencarcerai-me e drenai com a vossa afeição as chagas que me martirizam. Tributai-me com a bondade do vosso atender. Tão ulcerado estou pela privação de vós que temo sucumbir. Sois o agente nefasto que devora a saúde do meu organismo mas, igualmente, o revigorante medicamento

curador. Sois, simultaneamente, a moléstia e o lenitivo, o remédio e a fulminante infecção, a pena e a mitigação. Tumefacto estou, de boca aberta, gemendo por sorver a vossa ambrósia».

**ROSÁLIA**

Credo! Tão vulnerável estou que me apetece acariciar o semblante de uma criança.

**CARCOPINA**

Uma lamúria hilariante, não achas?

**ROSÁLIA**

Mais divertido se tornará quando te disser que hoje ao sair de casa para te visitar, fui interpelada por um embuçado que me entregou um bilhete exactamente igual.

**CARCOPINA**

O quê? Fico engasgada pela inesperada denúncia.

**ROSÁLIA**

É como te afirmo. Hei-lo. Sem a mínima diferença.

**CARCOPINA**

Apre! Então a impertinência da babosa criatura merece uma resposta à altura. Vamos pregar uma partida ao patife!

**ROSÁLIA**

Concordo.

**CARCOPINA**

Acabemos com a brincadeira pagando com a mesma moeda.

**ROSÁLIA**



Não entendo.

**CARCOPINA**

O langoroso apaixonado deverá receber um imediato retorquir.

**ROSÁLIA**

Refutemos pois com veemência o seu coração duplamente quebrantado.

**CARCOPINA**

Nada disso. Recomendo o contrário. Vamos fazer pior. Proponho que redijamos em conjunto duas cartas aquiescentes. Ao invés de rejeitar o papalvo, germinemos a sua fantasia.

**ROSÁLIA**

Essa decisão baralha-me. Instrui-me.

**CARCOPINA**

A maneira mais sagaz de lidar com este assunto será pela lei da simetria. Enviamo-lhe uma réplica, descrevendo o nosso ofuscamento.

**ROSÁLIA**

Hã?

**CARCOPINA**

Com uma leviana plausibilidade, comunicamos-lhe a nossa impressão de maravilhamento. Retribuindo a sua reverente aflição, em breve saberemos quem ele é. Quando pastar no nosso quintal, desferimos o golpe de misericórdia.

**ROSÁLIA**

Estou à tua disposição.

## CARCOPINA

Escreve o que te vou ditar.

## ROSÁLIA

Assim farei.

### CARCOPINA (*pensando e ditando*)

Senhor, após a leitura da vossa carta, a custo se soltaram estes vocábulos que vos pronuncio como resposta. Com dificuldade eles se articularam com sentido, pois já nada me lembravam. As palavras sumiam ao tentar retê-las no papel. Por vós perdi inteiramente a noção de mim (*riem*). Sou como um lugar desocupado. Só vós sois o que se passa em meu redor. Só a vossa beleza circula à minha volta. As tão enlevantes palavras que recebi reflectem-me na miragem do rosto daquele que desconheço. Somos um só, todavia dois. Arrasto-me na escuridão. Já não sei se compreendo. A minha esperança é feita de vos amar perdidamente. A vossa invisível presença preenche-me infinitamente. Em vós não semearei enganos. Apanhai-me pedaço a pedaço com as vossas doces mãos.

## ROSÁLIA

Que violento! Já acabou?

## CARCOPINA

Sim, agora é a minha vez de escrever e a tua de ditar.

### ROSÁLIA (*pensando e ditando*)

Invadida pelo fulgor da vossa pena mágica, deambulante me encontro, apagada como uma sombra pela obscuridade de vos não conhecer. Escrevo-vos com a exasperação de uma naufraga (*riem*). Contorço-me de volúpia, agonizando pela vossa salvação. Apropriai-vos de mim e iluminai-me. Enfeitiçada vos retenho nos meus pensamentos, alindada pelo amor que me confidenciais. Palpito saudosa pelo estranho que me inebriou. Só vos pertencendo começarei a

ser eu própria. Trago-vos como uma vertigem. Enflorai os campos, para neles, descalços, correremos deslumbrados pela Primavera.

**CARCOPINA**

Muito bem. Espero que com isto o encéfalo da criatura se desfaça.

**TESÓFILO** (*interrompendo*)

As minhas filhas serão um exemplo para as gerações futuras. Façamos uma pausa.

**FAUSTINA**

A minha ignescência bem precisa.

**TESÓFILO**

Então, meu amigo, o teu humor tem tirado proveito da nossa arte?

**LEUCÓCIMO**

Repleto de satisfação te assevero ser estupenda. Estou grato pela gentileza do vosso acolhimento.

**CARCOPINA**

Pode-se saber qual é a actividade do nosso lisonjeiro visitante?

**TESÓFILO**

Minha filha, não deves fazer perguntas indiscretas ao ilustre assistente. Não a julgais mal, por favor, é uma pérola, mas, por vezes, algo inconveniente...

**LEUCÓCIMO**

Enquanto me ocupo de negócios, minha formosa senhora, procuro aprender um pouco acerca da diversidade do mundo.

**ROSÁLIA**

Sois portanto mercador?

**LEUCÓCIMO**

Receio que as transacções herdadas pelo meu pai sejam mais um pretexto para o meu gosto de viajar. Apraz-me atravessar os mares e observar as pessoas e os locais por onde o meu navio atraca.

**FAUSTINA**

E o que vos moveu até esta paragem?

**LEUCÓCIMO**

O entusiasmo e o convite do vosso marido. Como uma salva de artilharia, escutei os seus vibrantes encómios a este espectáculo soando pelo porto. A minha curiosidade não resistiu.

**TESÓFILO**

E depois de bebermos um saboroso vinho, eu e o meu amigo deslocámo-nos até aqui. Muito me regozija vê-lo encantado com o nosso talento. O que mais aspiro é que durante muito tempo ele conserve na lembrança as preciosas emoções que lhe proporcionámos.

**FAUSTINA**

Mas as tonalidades da paleta do artifício para nada servem se ninguém as usufruir. Percebeis, senhor, o absurdo da nossa actual situação? O nosso génio dramático irá ser despejado dentro de algumas horas, sem o vestígio compensador de um só espectador pagante para esta noite. Estamos suprimidos.

## **TESÓFILO**

Faustina, o meu amigo é um erudito que necessita evadir o intelecto de congeminções sérias e não de ser maçado com contingências que nada lhe dizem respeito. (*Para Leucócimo.*) Aceitai as minhas desculpas. Vamos, continuemos a nossa tarefa.

## **LEUCÓCIMO**

Consintam a minha franqueza: a embarcação de que sou dono parte amanhã para as Índias Orientais. Suponho que os préstimos do vosso versátil ofício poderão ter uma calorosa recepção entre as audiências locais. Sereis considerados, seja na qualidade de fenómeno exótico entre os indígenas, seja na de vedetas, embaixadoras dos valores da civilização, entre os pouco exigentes emigrados residentes. Ponderai pois a proposta que vos faço: vinde comigo e recomeçai no Oriente o labor do exercício teatral. O vosso repertório será um sucesso nas cortes de marajás e sultões. O exorbitante rebuscamento da linguagem terá um efeito solene por ser incompreensível. As pantomimas estranhas serão acontecimentos apreciáveis pela sua excepcionalidade. Para os que saíram dos seus países e por lá se estabeleceram, vós sereis o estímulo para eles viverem de um modo mais convincente a ilusão de serem instruídos, a vossa arte saciará quimeras de sensibilidade requintada.

## **TESÓFILO**

O meu corpo está em turbilhão e os meus pés assentes no chão.

## **LEUCÓCIMO**

A situação crítica em que vos encontrais poderá ser ultrapassada pelo contributo à edificação e elevação do ânimo dos congéneres que habitam do outro lado do mundo.

## **TESÓFILO**

É uma nobre empresa a que sugeres, meu amigo. Sinto-me influenciado pela perspectiva de renascer. Exalto a tua lucidez.

**LEUCÓCIMO**

O vosso talento encontrará destinatários à altura. Sereis representantes daquilo que esta porção do planeta tem de mais admirável.

**FAUSTINA**

O real é irrereal. A verdade uma mentira. Só nos resta prosseguir. A que horas parte o vosso providencial navio?

**LEUCÓCIMO**

Ao alvorecer.

**TESÓFILO**

O que vos parece o argumento deste amigo? As musas da paródia persuadem-nos com a farsa do êxito e da honorabilidade nas extensões imperiais. *Sic Transit Gloria Mundi!*

**ROSÁLIA**

É difícil rebater o ensejo.

**CARCOPINA**

Não consigo contestar a iniciativa.

**TARDÉNIO**

Uma solução da qual a minha opinião não diverge.

**CRISALDO**

Não sei o que dizer, por isso nada digo.

**TESÓFILO**

Vasto me sinto, ideando príncipes aclamando as hipérboles dos meus solilóquios. Vejo sábios venerando a sofisticação histriónica da minha atlética figura.

**FAUSTINA**

Já me cismo a reprimir virtuosamente hipóteses de adultério no meio de uma tribo de selvagens.

**TESÓFILO**

O instinto declara-me que devemos bater as asas na direcção do que gostaríamos de ser. A rota é para Levante. O que profere sobre isto o meu insigne pai?

**CRISALDO**

Nos desmedidos espaços esgotar-nos-emos na amplitude do nosso tamanho.

**TESÓFILO**

Os meus pensamentos rolam contra as coisas. Já não identifico aquilo que digo. A natureza sangra de alegria. Vem a meus braços, Leucócimo (*abraça-o*). Como um translúcido regato, desaguremos no teu navio. Frágeis, como folhas sopradas pelo vento, iremos contigo. Vinde, pois é tempo de abandonar tudo e singrar eufóricos através do oceano.

**LEUCÓCIMO**

Expliquem-me uma coisa.

**TESÓFILO**

Tu ordenas, meu amigo.

**LEUCÓCIMO**

E como é que acaba o enredo da peça?

**TESÓFILO**

Céus! A sensação de súbito bem-estar tornou-me grosseiro. Eu conto: as duas engenhosas damas entregam as cartas a Crisalino e depois, porque se trata de uma obra demasiado moderna para a época em que estamos, o seu final fica em aberto.

### **LEUCÓCIMO**

Em aberto? Não entendo.

### **TESÓFILO**

Sabes, meu caro amigo, creio que as grandes histórias têm de ser terminadas pela imaginação do espectador. Para abster a personalidade do autor de subjugar os entrecos ao seu arbítrio, parece-me crucial – e também precoce – a responsabilização do destinatário pelas probabilidades do desenlace. A autonomia do julgamento individual não deve ser manipulada pela tendência do autor para considerar a intriga apenas do seu ponto de vista. A verdade de cada um deve sobrepor-se ao artifício do que sucede em palco. Por isso, nós, os artistas, somos os agentes que fornecem os indícios para essa verdade emergir. Cessando num momento empolgante, o hiato da peça instiga a que o modo de ser mental de cada um se evidencie.

Arrumemos os nossos haveres.

*Apagam-se as luzes.*

### **Final do primeiro acto**



## **Acto II**

### **Cena I**

*Tesófilo e Leucócimo conversam, caminhando.*

#### **TESÓFILO**

É como te digo, meu caro Leucócimo, fomos atingidos em cheio pela glória. Encaro com serenidade o futuro. Não nos têm sobejado períodos de modorra.

#### **LEUCÓCIMO**

Muito folgo em escutar o que me afirmas.

#### **TESÓFILO**

Os teus negócios têm medrado?

#### **LEUCÓCIMO**

Prosperam discretamente. Foi fácil a vossa acomodação nestas paragens?

#### **TESÓFILO**

Bem, no princípio, a habituação aos costumes estranhos não foi leve. Algumas adversidades não podem ser desmentidas. Mas graças a elas obtivemos mais maturidade. Com a ajuda de um douto jesuíta, aprendemos os rudimentos da língua. Sempre que possível, cuidei que, com o apoio de missionários, as minhas peças fossem traduzidas para os idiomas nativos, de modo a que, nas nossas itinerâncias, o público melhor assimilasse o teor dos incidentes da acção. Não que eles, no início não pasmassem em ouvir sons e em ver pantomimas raras. Só que a minha demanda de qualidade não se conformou em servir de mero pretexto insólito para a galhofa e espanto do gentio. Remordia-me na consciência o rigor de saber como reagiriam eles aos enredos se os compreendessem.

**LEUCÓCIMO**

E então?

**TESÓFILO**

O nosso repertório actual é apenas em português. Optei pelo sucesso. As leis da sobrevivência fizeram-nos assumir, sem qualquer pejo, o desempenho de basbaques do cânone Ocidental. Somos heróis do burlesco. Rimo-nos de nós mesmos e eles divertem-se à nossa custa, sem nos perceber. Estamos aliás na véspera de uma estreia. Uma desvairada peça de índole mítica e filosófica. Iremos apresentá-la no paço do marajá deste reino.

**LEUCÓCIMO**

Deveras? Transmito-te os meus parabéns.

**TESÓFILO**

Se não estás azafamado, garanto-te que toda a companhia ficaria translumbrada com a tua comparência no ensaio geral.

**LEUCÓCIMO**

Certamente. O meu apetite por teatro é voraz. Qual é o título do espectáculo?

**TESÓFILO**

«Adão e as maravilhas do Mundo». Sou o protagonista.

**LEUCÓCIMO**

O teu neto já deve estar crescido.

**TESÓFILO**

O meu neto já não está entre nós.

**LEUCÓCIMO**

O que sucedeu?

**TESÓFILO**

Uma maldita febre consumiu-o. Imploro-te para não mencionares o assunto em família.

**LEUCÓCIMO**

Lamento profundamente.

**Cena II**

*Entram para uma sala de uma habitação modesta. Nela, os parentes de Tesófilo exercitam-se, declamando e gesticulando.*

**TESÓFILO**

Meus idolatrados parentes, sustentem por instantes o empenho artístico para abraçar o nosso amigo Leucócimo.

**FAUSTINA**

Que flagrante abalo! Muito feliz estou por vos rever, senhor.

**TARDÉNIO**

Com deferência vos saúdo, senhor.

**CRISALDO**

Por minha fé, tiro-vos o chapéu, mesmo não o tendo nos miolos. Exalo por vós um ruído ciciado de dita.

**CARCOPINA**

Calorosamente vos recebemos (*cumprimentam-se todos*).

**TESÓFILO**

Recomendo-vos uma cadeira, meu prezado amigo. Enquanto ágil me apronto para o inolvidável papel, peço aos meus maviosos rebentos a gentileza de servir um chá ao nosso ilustre convidado. Ele veio de propósito para assistir ao ensaio geral. Borselmo e Tardénio, estejam prevenidos. Sem demora me escapo, sem delongas voltarei (*sai para mudar de indumentária*).

#### **CARCOPINA**

O que vos trouxe até aqui?

#### **LEUCÓCIMO**

O acaso. O meu navio acostou nesta povoação para obter provisões. Vagava eu pelas ruas, quando abruptamente deparei com Tesófilo.

#### **FAUSTINA**

E o mundo tem-vos sido propício?

#### **LEUCÓCIMO**

O suficiente. Sobre ele registo pensamentos, nele negocio bens. Sonho mas sem grandes ambições.

*Reordenam a disposição da sala para a representação.*

#### **LEUCÓCIMO**

Tesófilo noticiou-me das ovações conseguidas entre os autóctones. Como tem sido entre os colonos apartados dos seus países de origem?

#### **FAUSTINA**

Somos um autêntico sobressalto. Sem as nossas trapalhadas já teriam abalado todos. Suprimos a reminiscência da pátria. Acodem aos magotes, preiteando as nossas zombarias. Somos sagrados como vacas. Ridicularizamos o que nos aprouver. Somos a recompensante

fantasia de civilidade para uma gente na sua maioria rude, ignorante e corrupta. Também não nos percebem mas, ao contrário da gente nativa, aparentam que sim. O homem olha para cima porque vive em baixo.

### **LEUCÓCIMO**

Entre as coisas peculiares que vi, vós estais incluídos. Respeito a vossa honestidade.

### **TESÓFILO** (*gritando do exterior*)

Tudo a postos?

### **FAUSTINA**

Podes avançar, meu pujante Herácles.

*Entra Tesófilo, com roupagem justa, com cor de pele, parecendo estar despido.*

### **TESÓFILO** (*no papel de Adão*)

As minhas saudações aos estimados assistentes. Apresento-me: chamo-me Adão. O Adão bíblico. Da argila dos solos fui gerado à imagem do Criador. Andrógino como ele, por aqui ando inocentemente, ingerindo os frutos das árvores do paraíso. Não entendo claramente os propósitos da minha obrigação neste lugar. Ignorando os desígnios da minha realidade, airoosamente desfruto o que me foi facultado. Interrogo-me, no entanto, sobre quem eu sou, enquanto criatura similar à fonte inacessível da minha existência. Sei que do pó surgi como forma análoga à matriz ignota. Dela apenas conheço a sua voz e sei que a sua essência é incompreensível. Sem outra figuração para me comparar sou, por isso, uma misteriosa porção de inanidade com o dom da fala. Frustrado e entediado com a minha condição, vou-me entretendo a meditar sobre o que faço aqui (*senta-se*).

No começo, a imanência divina à qual sou idêntico, emitiu sons. Pelas suas palavras apareceram os astros, o mundo e as espécies. Se tudo isto procedeu dela, tal como eu próprio, poderei então deduzir que, para além de ser o que

sou, sou também tudo o que me circunda? Haverá em mim o firmamento e os mares, as plantas e os animais? Nasci como tudo o resto de um vocábulo modelador. A origem da minha natureza específica é som e barro. Fui engendrado por um conceito regedor e apareci concretizando uma elocução verbal. A minha substância foi feita de uma sonoridade ininteligível. Sou o filho de uma voz, a consequência de uma vontade dominante. Represento a materialização de um desejo íntimo expresso pelo som, a projecção de um saber fundador. Sou o resultado de um intento de proliferação, mas muitas dúvidas persistem.

**BORSELMO** (*no papel de interlocutor*)

Boa tarde!

**TESÓFILO** (*levantando-se*)

Quem és tu? O que fazes no jardim do Éden?

**BORSELMO**

Eu sou um homem primordial.

**TESÓFILO**

O quê? Julgava ser o único humano a habitar estas paragens.

**BORSELMO**

Eu venho de outra parte da Terra. Há muitos dias que caminho à procura de exemplos fresquinhos da Criação que se distinguem pela palavra. Tenho muito gosto em te conhecer. O meu nome é Gumangan, o homem crocodilo. Venho acompanhado pelo meu preguiçoso companheiro Birik-Birik, o homem tarambola.

**TESÓFILO** (*à parte*)

A perplexidade entorpece-me. Eu, Adão, hipótese anatómica de um fundamento, acabo de assistir à

demonstração pouco solene de que já não sou uma referência ímpar. Um arrepio diz-me que perdi autoridade mitológica.

**BORSELMO**

Enfadados pelo estado de marasmo a que o nosso Criador nos votou, decidimos escapar à jurisdição da sua vigilância, fingindo que íamos à caça. Quando chegámos à fronteira do território onde fomos gerados, escondemo-nos numa caverna e o meu camarada vestiu a pele de um canguru. Depois, as saltos e comigo no seu encalço, simulando persegui-lo, ultrapassámos o limite da área em que vivíamos. Sem restrições, após uma longa e penosa viagem, repleta de peripécias, chegámos a este aprazível local.

**TESÓFILO**

Chamo-me Adão e congratulo-me por travar conhecimento com tão temerária personagem.

**BORSELMO**

Birik-Birik, onde estás tu? Casualmente descobri outro congénere. Vem cá cumprimentá-lo!

**TARDÉNIO** *(no papel de Birik-Birik)*

Ora como tem o senhor passado?

**TESÓFILO**

Menos-mal. Algumas preocupações ontológicas. Devo pois concluir deste repentino incidente que somos os três o princípio de algo inacabado. Resignemo-nos. Que novidades me contam vocês das regiões por onde passaram?

**BORSELMO**

Não somos únicos. Fomos enganados e estamos dependentes de um poder que nos transcende. Tudo o que acontece é como um grão de eternidade. Tudo se encadeia e nós existimos como um acidente de uma indiscernível trama.

**TARDÉNIO**

E se comêssemos alguma coisa? Oiço rugidos no meu estômago.

**TESÓFILO**

Boa ideia (*colhe alguns frutos. Enquanto mastigam, continuam a conversar*).

**BORSELMO**

Neste período inaugural, encontrámos muitos homens e mulheres cuja ociosas experiências decorriam de ser, tal como nós, elaborações originais de uma secreta e absoluta potência.

**TESÓFILO**

O que é uma mulher?

**BORSELMO**

Uma complicação no processo cósmico. Mais tarde ou mais cedo terás uma noção exacta do seu efeito na tua tranquilidade. Mas, como eu dizia, estes seres exordiais desperdiçavam o seu tempo certamente como tu, reflectindo. Usando raciocínios audaciosos, abraçaram os fenómenos com o escopo de os explicar. Muitas probabilidades, mas poucas certezas advieram do esforço. Ora, as abstracções das suas inteligências não os deixou mais felizes, somente menos vulneráveis e...

**TESÓFILO** (*aturdido*)

A ignorância a que fomos submetidos só nos exclui da consciência do que somos. Sinto-me absurdo.

*Batem à porta com insistência.*

**TESÓFILO** (*desdobrando-se da personagem*)



Quem interfere tão selvaticamente com a declamação do mítico Adão? Carcopina, minha filha, desloca a tua gracilidade até à porta e serena a impaciência de quem bate (*Carcopina sai*). Alguém arruinou este edéneo quadro.

**CARCOPINA** (*entrando*)

Meu pai, está lá fora o senhorio com oficiais de justiça, intimidando-nos com a expulsão, se não saldarmos de imediato a dívida da renda.

**TESÓFILO**

A aludida criatura encontra-se numa disposição colérica?

**CARCOPINA**

Sim, o proprietário desta edificação aparenta sinais de transfiguração causada por uma enorme ira.

**TESÓFILO**

Como se pode atribuir tanta ênfase a uma questiúncula deste cariz? Afamados artistas como nós, importunados por vulgaridades. Irei lá pessoalmente. A voz trovejante de um indignado criador irromperá da minha garganta. Efêmera será a minha ausência, perene é a minha causa. As regras da tragédia reclamam um superlativo desenlace nesta fastidiosa intriga.

A misteriosa origem do universo explica-se num curto verso. O primeiro sintoma foi a aflição de um impulso. Depois, as possibilidades sacudiram o imensurável cosmos. Metamorfoses atravessaram as etéreas extensões. Da insanidade elementar nasceu um profundo irreconhecimento. A fantasia do Criador deixou de ser dentro da sua cabeça. Por isso, convençam-se daquilo que vos digo: o que têm à vossa frente não passa de um devaneio (*sai com elegância*).

*Apagam-se as luzes.*

## **Final do segundo acto**